

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Mariana Oliveira Veiga Alves

**O NACIONALISMO NO DISCURSO INTEGRALISTA EM VISTA DA IMPORTAÇÃO DO DISCURSO FASCISTA
ITALIANO: BREVES ANÁLISES**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Dr. Leonardo Silva Andrada.

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **MARIANA OLIVEIRA VEIGA ALVES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202073143A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**O NACIONALISMO NO DISCURSO INTEGRALISTA EM VISTA DA IMPORTAÇÃO DO DISCURSO FASCISTA ITALIANO: BREVES ANÁLISES**”, desenvolvido durante o período de 13/03/23 a 7/07/23 sob a orientação de LEONARDO SILVA ANDRADA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Mariana Oliveira Veiga Alves

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas

O NACIONALISMO NO DISCURSO INTEGRALISTA EM VISTA DA IMPORTAÇÃO DO DISCURSO FASCISTA ITALIANO: BREVES ANÁLISES

Mariana Oliveira Veiga Alves¹

RESUMO

O artigo analisa a relação entre o discurso integralista de Plínio Salgado, fundador do maior movimento de cunho fascista do Brasil, e o discurso fascista de Benito Mussolini, líder do fascismo italiano. Ambos os discursos foram publicados em 1932, mas diferem em suas perspectivas de escrita. O artigo destaca três pontos principais de análise: a visão espiritualista e romantizada, a concepção de Estado e o nacionalismo. Em relação à visão espiritualista, ambos os líderes enfatizam a espiritualidade e a idealização de força e coragem. Em relação à concepção de Estado, tanto o fascismo italiano quanto o integralismo brasileiro rejeitam a democracia liberal e o igualitarismo, defendendo a importância do Estado totalitário. Quanto ao nacionalismo, Salgado critica a influência estrangeira e defende a preservação da cultura brasileira, enquanto Mussolini vê a expansão imperialista como uma manifestação da virilidade fascista. No entanto, o artigo questiona a compreensão de Salgado sobre a realidade brasileira e ressalta as contradições entre seu nacionalismo e a dependência externa do Brasil. O artigo conclui que a cópia irrefletida do discurso fascista no integralismo brasileiro expõe contradições e falta de compreensão da realidade social do país.

PALAVRAS-CHAVE: Fascismo. Mussolini. Salgado. Discurso. Integralismo.

1. Introdução

Foi em 1919, que Benito Mussolini fundou o grupo paramilitar nacionalista e anti-liberal *Fasci di Combattimento*, após a Primeira Guerra Mundial. Sem vantagens sobre a sua participação, a Itália se aprofundou em uma crise econômica e conseqüentemente social no pós conflito (MARTINHO, 2018). A crise decorrente da guerra propiciou o florescimento desse movimento autoritário.

Já em 1920 o fascismo se tornou um partido político, apoiado principalmente por trabalhadores desempregados e ex-combatentes, e se valendo do famigerado perigo comunista, conseguiu apoio das elites industriais italianas (MARTINHO, 2018). Para Lincoln Secco (2022) Mussolini uniu esse descontentamento social em torno de uma proposta pseudo revolucionária que prometia atender a todos os grupos sociais. No ano de 1922, com a *Marcha sobre Roma*, Mussolini, juntamente com os “camisas negras”, assume a posição de primeiro-ministro italiano (ALONSO, 2022). A partir daí, Mussolini destruiu as instituições democráticas e passou a ser conhecido como o Duce (líder do país). Apesar de anos de governo, na Segunda Guerra Mundial seu sistema começa a desmoronar e ele é executado pela resistência italiana (SECCO, 2022).

Durante esse intenso período político italiano, segundo Gonçalves e Neto (2020) Mussolini ainda teve 15 minutos para atender uma comitiva brasileira e nela estava presente aquele que viria a fundar o maior movimento de cunho fascista do Brasil :

“Durante os 15 minutos de euforia da comitiva formada por outros intelectuais brasileiros, que conseguiram um espaço na agenda do líder italiano após intermediação de jornalistas do Ministério do Exterior. Plínio Salgado consolidou sua idealização para a formação do integralismo, o maior movimento de extrema direita da história do Brasil. Salgado e Mussolini estavam face a face em um encontro marcado por elogios mútuos. O italiano recebeu a comitiva brasileira, que deixa explícita o grandioso espetáculo estruturado na Itália. Foi um momento de cumplicidade e apoio do Duce, que aconselhou o brasileiro a criar um movimento preliminar de ideias, pautando a sociedade em uma nova consciência, para posteriormente, formar um partido político.”(p. 10)

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Dr. Leonardo Silva Andrada.

Plínio Salgado, a essa altura, já acreditava ser aquele que representaria o papel do Duce no Brasil (GONÇALVES; NETO, 2020). Fazendo parte do plano de realmente se tornar essa representação, Plínio escreveu, em 1932, o *Manifesto de 7 de Outubro*, a “certidão de nascimento do integralismo brasileiro” (GONÇALVES; NETO, p. 14,2020).

O discurso de cerne fascista produzido por Plínio Salgado tece as semelhanças e diferenças entre esse e aquele produzido além-mar por Benito Mussolini. É essencial analisar, antes de teorizar a conjuntura atual da presença do fascismo na ideia política e social nacional, a relação entre as falas que introduziram essa ideologia em primeira instância.

Com passados, atualidades e estruturas distintas, ainda assim a Itália Fascista e o Brasil dos anos 30 encontraram uma ponte que os conectasse de alguma forma. Assim sendo, o presente trabalho pretende compreender e refletir sobre a relação entre o discurso Integralista de Plínio Salgado e o Fascista de Benito Mussolini. Mesmo tendo ambos sido publicados no mesmo ano, 1932, suas perspectivas de escrita diferem entre si. Mussolini (1932) escreveu *A Doutrina do Fascismo* pela visão de um líder político que agiu antes de definir suas ideias, tanto que atribui a origem do fascismo à ação e não à uma “doutrina previamente escrita”. Já Plínio, foi orientado “a criar um movimento preliminar de ideias”.

Para analisá-los, serão usadas as doutrinas escritas de ambos: o *Manifesto de 7 de Outubro*, de Plínio Salgado e *A Doutrina do Fascismo*, de Benito Mussolini. Tal análise partirá da contextualização de seu cunho comunicativo, sua clássica visão de Estado e por fim sua visão nacionalista, com foco no manifesto integralista.

Essa análise tem como objetivo exemplificar uma importação ideológica e avaliá-la dentro de um discurso nacional. Compreender também em quais pontos principais elas convergem e/ou divergem.

2. Palavras além-mar: como A Doutrina do Fascismo reverbera no Manifesto de Outubro

Para Mussolini, o fascismo “não era alimentado por uma doutrina previamente escrita em uma mesa; mas nasceu da necessidade de ação, era a ação, não era um partido, mas nos primeiros dois anos, um antipartido e um movimento” e o nome dado a ele foi o que determinou seu caráter (MUSSOLINI, 1932). Mas Plínio Salgado, antes de agir como o Fascismo Italiano agiu, fez exatamente aquilo que Mussolini diz não ter sido o seu alimento, uma doutrina previamente escrita.

A Doutrina do Fascismo, texto publicado em 1932 na Enciclopédia Italiana, veio após a Marcha Sobre Roma e já num Estado Fascista. A, anteriormente dita, certidão de nascimento do integralismo não foi um conjunto de ações e um Estado que seguisse tal doutrina. Plínio Salgado fundou a A.I.B. (Ação Integralista Brasileira) e escreveu o *Manifesto de 7 de Outubro* em 1932, feitos que faziam parte desse planejamento de representar, organizadamente, o fascismo no Brasil.

Com a AIB formada e uma doutrina previamente escrita a qual seguir, a década de 1930 foi agitada pelo empenho do movimento em se tornar referência do fascismo por aqui. Seu discurso fiel e ao mesmo tempo altamente nacionalista conferiu certa particularidade do Integralismo. Para Vasconcellos (1979) na doutrina integralista

“[...] a imagem abstrata de nossa essência coletiva oscila entre enunciados pessimistas, de teor apocalíptico, e afirmações laudatórias, ufanistas. Embora essas prevaleçam, nela avulta um dos estereótipos mais difundidos pelo pensamento conservador no Brasil: o pessimismo abstrato e o otimismo ingênuo pelo país.” (p. 63)

O fato de o texto de Mussolini ter sido escrito após um conjunto de ações e ter tido como base elas mesmas e o de seu aspirante brasileiro ter partido de uma idealização sobre seu país, evidencia de início a relação singular que os dois discursos têm entre si. Indo de encontros e desencontros, eis aqui uma série de importantes tópicos presentes em ambos os textos a serem postos à luz da reflexão:

2.1 A visão espiritualista e romantizada

Começando seu manifesto com “Deus dirige o destino dos povos” (SALGADO, 1932), Salgado nos dá uma dica sobre qual linguagem ele irá se comunicar com o público e com a qual ele irá tratar das problemáticas mais importantes aos seus olhos. Assim como Mussolini, o autor trata das adversidades e “qualidades” da sociedade em que vive de forma bem espiritual e romantizada. Sempre com uma idealização de força e coragem, glorificando o esforço e o sacrifício. Apesar de o manifesto integralista não tratar com todas as letras dessa espiritualidade é possível enxergá-la na forma como o autor define sua concepção de povo brasileiro (SALGADO, 1932):

“O homem vale pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da Família, da Pátria e da Sociedade. Vale pelo estudo, pela inteligência, pela honestidade, pelo progresso nas ciências, nas artes, na capacidade técnica, tendo por fim o bem-estar da Nação e o elevamento moral das pessoas.”

Não é de se espantar tal abordagem já que o autor de *A Doutrina do Fascismo* comenta em seu tópico autoexplicativo “Visão espiritualista de vida” sobre essa busca pela virilidade e consciência em vista de um bem maior (MUSSOLINI, 1932):

“O Fascismo deseja que o homem seja ativo e aja com todas as suas energias; quer que o homem seja virilmente consciente das dificuldades que o atormentam e que esteja pronto para enfrentá-las. Entende-se a vida como um desafio no qual é papel do homem conquistar para si mesmo um lugar de respeito, em primeiro lugar preparando-se (fisicamente, moralmente, intelectualmente) para adquirir o necessário para vencer. Assim é para o indivíduo, para a nação e para a humanidade [4].”

Uma representação clara dessa espiritualidade nos conceitos de Salgado é a família. Assim como Mussolini, o líder integralista colocava a família como uma fonte de espiritualidade, de força. A família seria para ele uma fonte de renovação para o indivíduo (SALGADO, 1932).

A família, dentro desse mesmo discurso, além de atrelada à espiritualidade ela também é atrelada à moral. Mussolini compreende que o Fascismo vê “indivíduos e gerações unidas pela lei moral” ao falar sobre essa visão espiritualizada (MUSSOLINI, 1932). A família, quando prioridade do indivíduo, é entendida como um dos fatores que, quando valorizada, atribui uma “condição superior” a ele (SALGADO, 1932):

“Tirem a família ao homem e fica o animal; façam dele a peça funcionando no Estado e teremos o autômato, infeliz, rebaixado da sua condição superior.”

A espiritualidade é usada como o “diferencial” da doutrina, é inserida em sua fala nas diversas nuances dela e também atribuída à família e à moral. Tanto n’*A Doutrina do Fascismo* quanto no *Manifesto de 7 de Outubro*, esse sentimento, essa espiritualidade será usada como apoio e principalmente como uma forma de linguagem, uma forma de agir. Ambas as doutrinas se baseiam, seja qual for o tema, nessa visão romantizada sempre negando a racionalidade ao tratá-los.

2.2 O Estado como ele deve ser

Ao rejeitar o “direito dos números” do sufrágio universal e conseqüentemente o igualitarismo, o fascismo do Duce também nega a democracia como a conhece. Mesmo assim define a doutrina fascista como a verdadeira democracia (MUSSOLINI, 1932). Isso ocorre ao negar tanto o liberalismo político quanto o marxismo.

O Fascismo Italiano, segundo o texto de 1932, entende que o liberalismo pôs o indivíduo à frente do Estado e o marxismo não vê nada além da luta de classes, eliminando assim

indivíduos ou grupos (MUSSOLINI, 1932). A verdadeira democracia do Estado Fascista está presente então no seu totalitarismo, que valida indivíduos e grupos, porém dentro da totalidade do Estado.

O papel do Estado aqui é trazer equilíbrio entre indivíduos e grupos e a coletividade. Nesse caso, eles são válidos quando inseridos dentro da coletividade do Estado (MUSSOLINI, 1932):

“A pedra fundamental da doutrina Fascista é a sua concepção de Estado, sua essência, suas funções e seus objetivos. Para o Fascismo, o Estado é absoluto, indivíduo e grupos, relativos. Indivíduos e grupos são admitidos somente enquanto estejam dentro do Estado. [...] O Estado Fascista é amplamente desperto e tem vontade própria. Por essa razão ele pode ser descrito como ‘ético’.”

Para efetivar essa noção, é atribuído ao Estado aquele conceito espiritual, que confere a ele uma “cara”. O Estado então representa a espiritualidade fascista: o homem moral, viril, corajoso, que tem consciência de suas dificuldades. Indivíduos e grupos se vêem nele e é dessa forma que fazem parte dele. Sendo assim, o Estado Fascista (MUSSOLINI, 1932)

“[...]não é apenas a Autoridade que governa e confere forma legal e espiritual aos valores da vontade individual, mas também o Poder que faz com que sua vontade seja sentida e respeitada além das suas próprias fronteiras, proporcionando então a prova prática do caráter universal das decisões necessárias para garantir o seu desenvolvimento.”

Assim, ele é um “padrão internamente aceito e uma regra de conduta, uma disciplina integral para a pessoa; ele permeia a vontade e também o intelecto” (MUSSOLINI, 1932) que torna mais fácil a disciplina hierárquica e autoritária que demonstra. A soma da imagem espiritual que o Estado transparece com o seu autoritarismo e caráter educador visam remodelar “não apenas as formas de vida, mas também seu conteúdo, o homem, seu caráter e sua fé” (MUSSOLINI, 1932).

Acerca do Estado em si, Salgado se detém em afirmações genéricas idealizadoras mas que ainda assim transmitem, lendo atentamente, a ideia inicial de Benito Mussolini. Defende com veemência um Estado unido, indivisível e forte que renega partidos políticos que fracionam a nação (SALGADO, 1932). Seu discurso, fervorosamente espiritual e fascista, diz:

“Pretendemos criar, com todos os elementos raciais, segundo os imperativos mesológicos e econômicos, a Nação Brasileira, salvando-a dos erros da civilização capitalista e dos erros da barbárie comunista. Criar numa única expressão o Estado Econômico, o Estado Financeiro, o Estado Representativo e o Estado Cultural.” (SALGADO, 1932)

Claramente Salgado expressa a dualidade entre comunismo e capitalismo, levando-nos a considerar que seu texto, assim como *A Doutrina do Fascismo*, transmite a ideia de alternativa ao marxismo e ao liberalismo. Nisso Salgado (1932) expressa sua fé no poder da autoridade e em como o povo deve ter confiança no Estado, pregando a hierarquia, a disciplina e a harmonia entre as classes sociais. Para Gonçalves e Neto (2020)

“[...]a AIB assumiu um caráter espiritualista de harmonização social, de negação da luta de classes, denunciando que o liberalismo e o comunismo possuíam duas faces da mesma moeda: o materialismo. Seguindo o modelo clássico do fascismo, Plínio Salgado afirmava que o plano das duas correntes era a dominação dos governos e do Estado com o objetivo de controlar economicamente os povos.” (p. 18)

Assim sendo, o Integralismo assumiu uma concepção do Estado, mesmo que menos detalhada e ainda mais espiritualista, muito semelhante à do fascismo italiano. Importou não só a ideia de totalitarismo como também a sua profunda rejeição ao comunismo e ao liberalismo.

2.3 O nacionalismo integralista e suas contradições

O teor “apocalíptico” do *Manifesto de 7 de Outubro* não se expressa só na espiritualidade e no conceito de Estado, ele também se expressa na noção de Brasil abordada por Plínio Salgado. Suas falas, sempre carregadas de um pesado sentimento de heroísmo, certeza absoluta e falta de distanciamento crítico, dizia, em primeira pessoa do plural: “Temos de invocar nossas tradições gloriosas, temos de nos afirmar como um povo unido e forte, que nada mais poderá dividir” (SALGADO, 1932). A soma desses aspectos narrativos formam uma linguagem um tanto quanto irracional e Salgado se apodera dela.

Tal linguagem é amplamente usada ao se tratar do nacionalismo. O autor critica a influência hegemônica problematicamente presente no pensamento brasileiro ao dizer (SALGADO, 1932):

“O cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de morte para o nosso Nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever. [...] Os nossos lares estão impregnados de estrangeirismos; as nossa palestras, o nosso modo de encarar a vida, não são mais brasileiros.”

Esse julgamento acerca da influência externa traz para ele a ideia de que esses “estrangeirismos” não se encaixam na realidade e não compreendem a singularidade do país e que eles devem ser rejeitados. Porém, do ponto de vista da linguagem espiritualista de Plínio Salgado, essa conclusão não traz ao texto argumentos confiáveis, afinal é tudo na base do sentimento, da intuição, da forma como ele enxerga o próprio país. Sobre isso Vasconcellos (1979) afirma:

“É um tipo de nacionalismo que nega o caráter universal da ciência, que se opõe [...] à universalidade do marxismo, com base no argumento equivocado da singularidade fetichizada do contexto nacional. A doutrina integralista não foge à regra. Nela transparece a ideia de que o país é inexplicável à luz da racionalidade científica.” (p. 62)

Há sim um fetichismo da realidade brasileira, pois o autor constantemente fala dos diferentes tipos de brasileiros e como a nação deve se unir, mas se esquece, propositalmente ou não, de questionar ou expor as razões pelas quais há essa grande variação no perfil da população brasileira. O texto é construído em cima de afirmações sem um contexto sólido ao qual se apoiar. Seu objetivo é unicamente incitar no público um sentimento semelhante e isso justifica a sua abordagem já que “o segredo de nosso povo está impregnado do ‘sentimento nacional’, e que a única via de acesso a ele é pelo caminho da intuição ou pela identificação emocional.” (VASCONCELLOS, 1979, p. 75). Além dessa conclusão, Gilberto (1979, p. 72) também diz que ele utiliza isso como uma manobra ideológica para justificar o Estado Totalitário.

Junto a essa “manobra ideológica”, o manifesto também determina a sua rejeição ao comunismo argumentando que ele “representa o capitalismo soviético, o imperialismo russo, que pretende reduzir-nos a uma capitania” (SALGADO, 1932). No entanto, o intrigante nesse discurso é quando analisamos o ponto de vista, escrito, de Mussolini (1932) ao dizer que

“O Estado Fascista expressa a sua vontade de exercer o poder e comandar. [...] Poder imperial, como entendido pela doutrina Fascista, não é apenas territorial, militar ou comercial; é também espiritual é ético. Uma nação imperial, ou seja, uma nação que é direta ou indiretamente uma líder para outras, pode existir sem a necessidade de conquistar uma única milha quadrada de território. O Fascismo vê no espírito imperialista- na tendência das nações expandirem- uma manifestação da sua virilidade. Na tendência

oposta, que limitaria os seus interesses ao país natal, ele vê um sintoma de decadência.”

Porém, diferentemente da Europa, o Brasil não sofreu tanto com o pós Primeira Guerra Mundial e isso conseqüentemente modifica não só a receptividade e o entendimento do fascismo no Brasil da época como também torna diferente esses aspectos sobre aquilo que monta a lista de rejeições fascistas: o comunismo e o liberalismo.

“Diferentemente do que aconteceu na Europa após a Primeira Guerra Mundial, não há no Brasil a destruição ou ameaça de serem destruídas as bases sócio- econômicas das classes médias, ou seja, a situação histórica que enfureceu alguns setores das classes médias, preparando-as, em larga medida para a aceitação do fascismo. De resto, o outro grande inimigo do fascismo, o liberalismo, tem em nosso país uma tradição fraquíssima, além de um percurso extremamente sinuoso e esquisito.” (VASCONCELLOS, 1979, p. 183)

Atrelado a isso, Gilberto Vasconcellos (1979) também questiona-se o que aconteceria se a apologética fascista, e ele a define assim devido à “decadência do capitalismo e à agudização da luta de classes na época de crise” (p. 177), viesse para um país periférico cujo contexto fosse diferente do qual o fascismo nasceu (p. 180). É interessante o questionamento pois claramente a vinda desse discurso teria um comportamento diferente aqui, como ele mesmo afirma mais à frente:

“Tendo em mira o contexto brasileiro nos anos 30, a emergência de um irracionalismo fascista do tipo camisa- verde não corresponde a um resultado da evolução social. Noutras palavras, se o discurso integralista segue os parâmetros das doutrinas fascistas europeias, conclui-se que há no Brasil um nítido descompasso entre ele e a estrutura social. Falta a base social fundamental que acompanha a reação fascista e que faz desta um discurso eminentemente contra- conceitual (oposição ao liberalismo e ao marxismo), a saber: a organização política da classe operária.” (VASCONCELLOS, 1979, p. 182)

Levando isso em consideração, é bom relembrar o breve encontro de Salgado e Mussolini anos antes de ambos publicarem seus textos, no qual o Duce aconselha o brasileiro “a criar um movimento preliminar de ideias, pautando a sociedade em uma nova consciência, para posteriormente, formar um partido político” (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 10). Mas dessa vez a abordagem não é do ponto de vista da importação do discurso feita pelo líder integralista apenas, mas também da “tendência das nações expandirem” que Mussolini acreditava ser a manifestação da virilidade fascista. Mais para frente, na década de 30, durante a agitada década de crescimento da AIB, o governo italiano mantém relações de auxílio financeiro ao movimento (BERTONHA, 2001, p. 87).

Em suma, torna-se questionável a profundidade de um discurso que enquanto alimenta o nacionalismo de seu país e condena influências externas como o “imperialismo russo” se baseia em um outro que claramente tem a pretensão de atuar nesse papel. Ademais, o fluxo de influências externas no Brasil é intenso ao ponto de neutralizar a conexão da estrutura social do país com a vida ideológica dele e resulta em contradições (VASCONCELLOS, 1979, P. 191). Assim torna-se também questionável a compreensão de Plínio Salgado acerca do tal “estrangeirismo” que ele tanto critica.

Ao enfatizar que “as nossas palestras, o nosso modo de encarar a vida, não são mais brasileiros. Os brasileiros das cidades não conhecem os pensadores, os escritores, os poetas nacionais” Salgado demonstra que o seu entendimento acerca dessas influências abrange única e exclusivamente o campo cultural brasileiro. Não obstante, Gilberto Vasconcellos (1979) afirma, mesmo reconhecendo a grande influência externa no país, o contrário:

“Embora seja determinante o influxo externo, a análise não deve descartar-se das condições internas da produção ideológica, isto é, da articulação das classes no plano nacional. A ideologia da classe hegemônica não determina, de maneira direta, a vida ideológica na periferia. Talvez o fato tivesse ocorrido na época colonial quando nossa produção intelectual era um simples reflexo da metropolitana. Mas, a partir da formação da sociedade nacional, torna-se impossível a compreensão das ideologias sem levar em conta relação do influxo externo com a inserção dos grupos ou das classes no interior das sociedades subordinadas.” (p. 173)

O manifesto então expõe a falta de conhecimento de Plínio Salgado a respeito da própria produção intelectual a qual ele defende. E em meio a essa falta de compreensão da cultura brasileira, o manifesto também deixa a desejar no seu entendimento quanto à realidade social do Brasil.

[...] o miolo da ideologia conservadora no modernismo é a visão equivocada da dependência cultural. Essa é vista de modo superficial: apenas os efeitos miméticos de nossa produção intelectual. Nunca se chega a apanhar seu fundamento histórico- social: a dominação imperialista e o caráter estruturalmente heteronômico da produção econômica. (VASCONCELLOS, 1979, p. 127)

Ou seja, a estrutura social do Brasil é calcada exatamente na sua dependência externa variada, não só a cultural, mas principalmente a econômica e o imperialismo exercido sobre ela, afinal “na América Latina, a economia é determinada de fora; conseqüentemente, sua vida cultural encontra-se submetida à hegemonia dos países mais avançados do ponto de vista econômico.” (VASCONCELLOS, 1979, p. 129). Contudo, além disso, o autor também crê ser importante levar em conta

1) ela é saudavelmente crítica quando revela o conteúdo parodístico e dependente de nossa cultura, obrigada a engolir, sem distinção, tudo que nos impõe a dominação cultural dos países hegemônicos. Sob esse ângulo, ela põe de sobreaviso e ao mesmo tempo incorpora o pensamento oriundo dos centros econômicos e culturais hegemônicos; 2) ela cai, entretanto, nas malhas da ideologia no momento em que, com base num confronto abstrato entre a racionalidade europeia e o nosso contexto social.” (VASCONCELLOS, 1979, p. 164- 165)

Diante disso, a dependência cultural é advinda da economia dependente presente aqui, em vista da década de 1930. Condenar a influência externa sobre a cultura brasileira se torna incompreensível aos olhos do esquecimento daquilo que a torna real.

[...] se o elemento particular que atravessa de ponta a ponta o capitalismo no Brasil é a dependência estrutural, e se esta (em seus aspectos literários ou culturais) não deixou de figurar no discurso verdeamarelo, então se compreende porque seu tratamento teve que assumir um feição necessariamente parcial e sujeita às maiores falsificações irracionistas. A importação ideológica do fascismo não fez senão levar às últimas conseqüências o irracionismo entranhado na perspectiva de um setor do modernismo de abordar a questão da dependência em seu aspecto cultural.” (VASCONCELLOS, 1979, p. 142)

É ao defender a nação de forças externas específicas que o nacionalismo integralista descrito no manifesto expõe sua própria cópia irreflexiva do fascismo.

“Como se vê, do ponto de vista das condições ideológicas internas, a busca da gênese do discurso integralista se afasta da estrutura social propriamente

dita; ela tem mais a ver, [...] com a esfera cultural: é sobretudo o filão nacionalista que o informa.” (VASCONCELLOS, 1979, p. 190).

O manifesto, ao tentar repetir o discurso fascista europeu, se torna inconsistente quando o nacionalismo defendido nele rejeita indiretamente a sua máxima inspiração. Aqui a cópia do discurso fascista é sim usada como “manobra ideológica” para justificar um Estado totalitário mas a partir do momento o qual Plínio Salgado não compreende o próprio país ele contradiz essa ideologia e contradiz a sua própria fala.

“Eles se afundaram num beco sem saída: como se opor à dependência e a um tempo se calar ante a ausência de organicidade entre o fascismo europeu importado e a realidade social brasileira dos anos 30? Não digo que isso tenha sido enunciado por eles abertamente; todavia, tal impasse ressoa na contradição que sempre se manteve viva em seu discurso: a apropriação inteiramente glosada do fascismo e seu não reconhecimento por motivos nacionalistas. Se o comunismo é uma ‘planta exótica’, nascida fora daqui, por que não seria também o fascismo? Mesmo quando se aceita a natureza fascista do integralismo [...], não se reconhece entretanto seu caráter mimético.” (VASCONCELLOS, 1979, p. 195- 196)

Essa contradição evidencia até que ponto o manifesto integralista se “inspirou” no fascismo italiano e em que momento dele se é encontrado o fator determinante que expõe a superficialidade de seu discurso. Aqui, a linguagem espiritual e romantizada não só faz parte do processo de incorporar o fascismo como faz parte igualmente da linguagem adotada na hora de tratar do Estado e também do nacionalismo. Essa linguagem é a representante da falta de distanciamento necessário do objeto tratado, conseqüentemente da irracionalidade também, da premissa integralista. Sua linguagem e ideologia adotada é fruto de uma tentativa de “justificar o Estado Totalitário” (VASCONCELLOS, 1979, p. 72).

“[...]a busca obsedante de uma originalidade cultural brasileira (e a tendência em fetichizar a singularidade do país) inscreve-se enquanto uma estratégia, para negar a luta de classes e, conseqüentemente, se opor à perspectiva do socialismo.” (VASCONCELLOS, 1979, p. 135)

Esses aspectos aqui tratados fazem parte da construção de uma narrativa equivocada que põe a si mesma em uma posição de dúvida. Evidencia o simples uso de uma ideologia estrangeira para justificar aquilo que se acredita, mas ao falar com os olhos voltados para seu país de origem não o conhece o suficiente e sua linguagem, seu objetivo e a própria ideologia “emprestada” o trai.

“O discurso nacionalista dos anos 20 ou 30 não consegue, no fundo, descarta-se do que mais lhe causa horror: a ‘influência’ dos módulos culturais hegemônicos do exterior. E quanto mais não o consegue, mais tende a se converter numa mera retórica.” (VASCONCELLOS, 1979, p. 114)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa análise, foi possível identificar significativas conexões e disparidades acerca do relacionamento entre A Doutrina do Fascismo, de Benito Mussolini, e o Manifesto de 7 de Outubro, de Plínio Salgado. Ambos publicados no mesmo ano, 1932, apresentam perspectivas de escrita diferentes. Mussolini enfatiza a ação como a base do fascismo, enquanto Salgado escreveu um manifesto preliminar de ideias como orientação para a formação do movimento integralista brasileiro.

Uma de suas semelhanças, e aquela que permeia todo o discurso, é a visão espiritualista e romantizada da sociedade. Ambos os autores alimentam a crença na importância da força, coragem, disciplina, sacrifício e virilidade, idealizando um esforço coletivo. Também

acreditam na família como uma fonte de moralidade e espiritualidade. Isso se tornou a linguagem comum entre eles em seu discurso. Essa comunicação sentimental e espiritualista romantiza a seus contextos, suas adversidades sociais sempre que usada para descrevê-los.

Essa linguagem implica também na concepção de Estado dos dois no qual ambos rejeitam o liberalismo e o marxismo. Não muito diferente entre si, eles defendem um Estado totalitário, forte, unido. No entanto, vemos a importância de se considerar as diferenças em seus contextos. Mussolini aplicou em seu discurso o anticomunismo e o antiliberalismo em razão de acontecimentos prévios. A Itália sofreu muito com o pós Primeira Guerra Mundial, tanto em relação à crise econômica quanto à crise social, isso acarretou uma sensibilidade maior à adesão a outras formas de concepção política. Antes de escrever n' *A Doutrina do Fascismo* que esse rejeitava o comunismo e o liberalismo, o movimento já agia com essa premissa. Por outro lado, o Brasil não experienciou esse contexto e a partir de tendências nacionalista já presentes no autor d' *O Manifesto de 7 de Outubro* e seu incentivo do próprio Mussolini para tal, ele não formulou um guia para explicitar aquilo que o integralismo representava como ação, mas sim o que ele pretendia representar como ação.

Não obstante, Plínio Salgado, ao voltar-se para o nacionalismo integralista e o que ele acreditava ser, expôs a fragilidade da sua importação ideológica. Ao exaltar a singularidade do povo brasileiro em relação ao exterior e criticar as influências externas no país, o autor contradiz o discurso fascista que adotou. Gilberto Vasconcellos (1979) ainda diz que:

“Adianta pouco mostrar sua ausência total de originalidade em relação ao fascismo europeu; o importante é mostrar a que ponto essa importação ideológica (independente a consciência dos camisas- verdes) combinou-se com a particular realidade social do país ou em que medida se deixou contaminar pelo contexto da dependência.” (p. 197)

Independente da visão imperialista que a Itália tinha sobre países como o Brasil e sobre seu próprio Estado, o nacionalismo integralista em si, presente no manifesto, já se contradiz. A questão é que Plínio Salgado, calcado da sua linguagem espiritualista e conseqüentemente irracional, não considera a possibilidade de o discurso que ele adotou como integralista é também uma influência externa. Isso ocorre porque Salgado não admite ou desconhece a diferença e a complexidade da estrutura social brasileira. Não é apenas sua cultura que sofre com os “influxos externos” (expressão usada por Vasconcellos) mas também sua economia e sua estrutura social.

É interessante observar a falta de compreensão do próprio país por um discurso que se intitula nacionalista e tem a pretensão de alimentar um movimento de mesma premissa. É como se a dependência cultural brasileira da época fosse apenas a “ponta do iceberg” de toda a construção heteronômica do país e o autor só visse ela. Essa incompreensão apenas alimenta, lá nos anos 30, a estrutura já existente no país. Crítica os “influxos externos” na cultura mas mantém os da estrutura através do fascismo e principalmente do anticomunismo. Mussolini presenciou e participou de reviravoltas políticas intensas envolvendo as classes italianas enquanto o Brasil sequer tinha um movimento comunista expressivo. É inconsistente a adoção do anticomunismo e esse reafirma a consequência do seu papel participativo na manutenção da estrutura social da época importando um discurso político europeu.

Em suma, os pontos aqui analisados têm no discurso o objetivo de servirem como justificativa para o Estado Totalitário, de cunho fascista, mas adotado de um novo nome, um nome brasileiro: Integralista. Todavia, um dos pontos que deveriam servir de justificativa, ao ser posto à luz da razão, evidencia a superficialidade da cópia do discurso como um todo. Por isso o irracionalismo presente na obra. O *Manifesto de 7 de Outubro* não tem uma trajetória política na qual se apoiar e atribuir um motivo para seu pensamento, ele se apoia no sentimento, na irracionalidade e equivocadamente, numa ideologia de origem hegemônica. Conseqüentemente, em algum momento, ele iria se contradizer e explicitar seu caráter raso, imitador e inconsistente. Portanto, é válido ressaltar que o caráter conclusivo aqui presente é de reluzir o fato de que um discurso hegemônico, ao ser adotado no Brasil, um país com altos influxos externos, deve se ter em mente o aspecto social, político e econômico em mente de forma reflexiva e racional, afinal,

nem sempre a ideologia adotada estará em sintonia com a estrutura social como em seu país de origem.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Juan Francisco . 100 anos da Marcha sobre Roma: como Mussolini chegou ao poder e instalou o 1º governo fascista. **BBC News Brasil**, 2022. Disponível em:

<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63167615>>. Acesso em: 2 jul. 2023.

MARTINHO, Francisco . Mussolini inicia o fascismo italiano. Disponível em:

<<https://www.fflch.usp.br/460>>. Acesso em: 2 jul. 2023.

MUSSOLINI, Benito , **Fascismo: A Doutrina**, 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

PEREIRA GONÇALVES, Leandro ; CALDEIRA NETO, Odilon . **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. [s.l.]: FGV Editora, 2020.

SALGADO, Plínio . **Manifesto de 7 de Outubro de 1932** . Integralismo | Frente Integralista Brasileira. Disponível em:

<https://integralismo.org.br/manifesto-de-7-de-outubro-de-1932/?_ga=2.262959308.1536492949.1687221087-1370545652.1686753545>. Acesso em: 2 jul. 2023.

SECCO, Lincoln. Itália declara guerra à ex-aliada Alemanha. Disponível em:

<<https://www.fflch.usp.br/39250>>. Acesso em: 2 jul. 2023.

VASCONCELLOS, Gilberto. **Ideologia Curupira: análise do discurso integralista**. [s.l.]: Brasiliense, 1979.